

O ATO DE FILOSOFAR COMO FERRAMENTA IMPRESCINDÍVEL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Ana Luísa Cardoso Clímaco¹

Resumo:

Filosofia é um área do conhecimento que detém seus estudos voltados para a existência humana e o saber por meio de uma análise racional, ou seja, é através da filosofia que tenta-se direcionar a novos questionamentos em busca de novas reflexões. A filosófica contribui significativamente no processo educacional, pois ela corrobora e auxilia tanto docentes quanto discentes a saírem de uma linha internalizante para uma linha interiorizada. O filósofo é considerado um sábio, pois reflete sobre diversas questões e busca chegar a um conhecimento através da filosofia, assim a filosofia por sua vez, deve ser entendido de modo particular como uma busca ao compreender, de forma racional, sistemática e rigorosa tudo o que existe. Por isso, filosofar é indagar-se sistematicamente sobre as questões fundamentais de existência. Dessa forma a Filosofia causa no homem, incomodo em sua tendência de acomodação, assim estimula um novo olhar sobre o meu eu educador e sobre minha prática pedagógica. Dentro dessa perspectiva será apresentado neste artigo científico a importância da filosofia em especial, do ato de filosofar na formação de novos educadores, isto é, será analisado neste presente trabalho a relevância do autoquestionar-se com o viés direcionador para as práticas dentro de sala de aula. Assim, é valido ressaltar que este processo quando inserido na formação destes docentes ganha força e veracidade contribuindo arduamente no tipo de educação que espera-se chegar, ou seja, uma educação humanizada e pensada em ações que vão dar objetividade ao ato de ensinar e aprender par uma possível resiliência.

Palavras-chave: Discentes e docentes. Filosofia. Formação docente.

Introdução

Filosofia é um área do conhecimento que detém seus estudos voltados para a existência humana e o saber por meio de uma análise racional, ou seja, é através da filosofia

¹ Graduanda do curso de licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campus Clóvis Moura - CCM, analuisacardoso22@gmail.com.

que tenta-se direcionar a novos questionamentos em busca de novas reflexões. A filosófica contribui significativamente no processo educacional, pois ela corrobora e auxilia tanto docentes quanto discentes a saírem de uma linha internalizante para uma linha interiorizada. O filósofo é considerado um sábio, pois reflete sobre diversas questões e busca chegar a um conhecimento através da filosofia, assim a filosofia por sua vez, deve ser entendida de modo particular como uma busca ao compreender, de forma racional, sistemática e rigorosa tudo o que existe. Por isso, filosofar é indagar-se sistematicamente sobre as questões fundamentais de existência.

Dessa forma a Filosofia causa no homem, incomodo em sua tendência de acomodação. A filosofia não busca substituir a ação das ciências, pelo contrário, quer subsidia-las e enriquece-las sob a forma de planejamento e reflexão e, partindo disto quando desenvolvemos nossos estudos sobre o que almeja a ciência, e alicerçando nossos conhecimentos sobre o ponto de vista do autor Rubem Alves, podemos chegar à conclusão de que este saber científico seria um senso comum refinado. Portanto, a filosofia sabe que o melhor alcance do homem será sempre imperfeito e provisório, justamente o oposto proposto pelas outras ciências que tentam a todo preço desvalorizar o ato de filosofar.

Após esta breve pontuação, abre-se agora questionamentos e discursões em torno do que seria “o ato de filosofar”. O ato de filosofar caracteriza-se como um pensar por si mesmo, por conta própria, no entanto só o conseguimos quando apoiamos nossas reflexões baseadas nas que os demais indivíduos da sociedade tomam, isto é, na reflexão dos filósofos e pensadores que escreveram, e/ou escrevem sobre a filosofia. Indo um pouco mais a fundo, filosofar seria ainda pensar, refletir e criticar os próprios pensamentos, de forma consciente ou não as próprias ideias preconcebidas acerca de algo ou alguém. Logo, filosofar seria colocar nossos “preconceitos” sob a luz reveladora da crítica, ou seja, refletir a partir dos princípios lógicos oferecidos pela filosofia. É pensar sobre nós mesmos, sobre o mundo, sobre as coisas, sobre o outro, é estar diariamente questionando-se acerca da realidade.

Mas afinal, como o ato de filosofar pode contribuir na formação docente? Quando realiza-se o exercício de voltar o olhar na perspectiva de dentro para fora, estou praticando o processo da ação reflexiva, caracterizado como um processo de filosofar dentro da formação docente, ou seja, a minha prática estará vinculada com a minha teoria, na qual pensar proporcionará um aprendizado muito maior e estará ligado a diversos objetivos. Esse processo é fundamental pois revigora nos docentes uma reflexão sobre o seu papel e, estimula os

futuros educandos a enxergarem possibilidades de prosperar ainda mais na área da educação, causando nestes, motivação, emoção e vontade de seguir e criar seus projetos.

O verdadeiro filósofo, como a exemplo de Aristóteles, busca ultrapassar o saber de sua época indo ao encontro do desconhecido. Pelo seu potencial de crítica a filosofia poderá ser considerada (ou desconsiderada) perigosa, devido ao poder estabelecido que prefere manipular as “massas”, a fazê-las autocríticas.

Assim sendo, a importância do ato de filosofar para o ensino de filosofia não nos autoriza a prescindir do conteúdo filosófico, daquilo que foi historicamente produzido pela atividade do pensar. Portanto,

A atividade filosófica actual prolonga uma tradição cuja própria memória já é uma parte importante do âmbito da sua reflexão. Seria não simplesmente pretensioso, mas sobretudo ridículo e ineficaz tentar filosofar sobre qualquer tema, esquecendo ou desdenhando a constância do já pensado sobre ele ou do pensado que pode relacionar-se com ele [...]. A recordação dos filósofos é o que hoje nos legitima para filosofar (SAVATER, 2000, pp. 29-30).

Dessa forma, ao ensinarmos filosofia podemos está limitando a expor figuras e momentos da história da mesma, assim estaremos contribuindo para afirmar que a filosofia seria como peça(s) de museu, como algo que contempla-se, admira-se, mas se vê, tornando-se algo intangível para nós, indo totalmente contra a proposta do que seria a filosofia e o ato de filosofar.

Deste modo, o objetivo deste artigo é abordar como a filosofia, em especial, o ato de filosofar contribui fortemente para a formação docente, isto é, a reflexão e o poder de entrelaçar os saberes de professor e aluno como uma estratégia para uma formação de sucesso. Abordaremos sobre as dificuldades de estimular o pensar dos discentes, a filosofia e a formação pedagógica e, pôr fim, a formação desses educadores dentro de um ótica de metas e desafios.

DIFICULDADES DE ESTIMULAR O ATO DE PENSAR DOS DISCENTES

Devido a modernidade e demais veículos atrelados a mesma, como a facilidade de veiculação de informações, muitos discentes acabam calejando seu pensamento dentro de uma perspectiva fechada, o que pode se tornar um ponto negativo no que diz respeito a produção de novos saberes. O ato de pensar requer uma leitura que ultrapasse o simples de decodificar.

Requer tempo, apressado, e precisa de aprimoramento, precisa ser estimulado pelos docentes, pois hoje todos os alunos estão na escola, mas nem todos têm acesso ao conhecimento, afinal muitos alunos não querem aprender e assim a escola encontra-se perdida perante esta realidade.

O professor deve servir como um espelho em seus comportamentos, ações, e principalmente em suas falas, que devem soar da melhor forma pontuada possível. Os seus pontos de vista contribuem gradativamente para o tipo de alunado que ele formara, o que afirmo mais uma vez que este, deve aplicar em sua prática docente, uma ação reflexiva. Podemos afirmar então, que cabe aos educadores elaborarem estratégias que predam a atenção de seus discentes, para que os mesmos consigam dar o pontapé inicial à fomentar dentro de si, a vontade do pensar.

Entre as diversas habilidades e competências exigidas por educadores e educandos é válido destacar o “ser capaz de pensar” e o, “ser capaz de aprender”, as quais são habilidades fundamentais no trabalho e sucesso escolar dos mesmos. Por este fato, defende-se que deve-se haver um maior investimento na classe e, para isso, os professores teriam de estar preparados para melhor treinar tais docentes no aprender, pensar, conhecer e resolver problemas. Socialmente existe a consciência que a escola deve favorecer com constância e em grau crescente a aquisição e a destreza de tais competências cognitivas. Elas são requeridas para as próprias aprendizagens e, são ainda o que pode restar de mais perdurável em face da curta validade temporal dos conteúdos curriculares.

Indo ao encontro com estas preocupações, tem-se apontado à escola a tarefa de ensinar o aluno a aprender e a pensar. Dentro desta lógica de autonomia, há necessidade de se investir na formação contínua, para o melhor exercício da cidadania, da reconversão profissional futura, que servem como possíveis estratégias para driblar as barreiras da dificuldade do ato de pensar. Quando a escola não é capaz de estimular esses dois componentes básicas da aprendizagem (motivação e cognição), podemos afirmar que ela exige do aluno aquilo que não o oferece.

Partindo da fala anterior, postulamos que é pela mediação do professor que o educando supera o senso comum, onde ele estabelece um momento dialético que parte da realidade empírica e, promove o estudo da teoria, chegando a realidade concreta, pensada e compreendida. Esse procedimento de acordo com Saviani (1996) é a passagem do senso comum a consciência científica. Para ele:

(...) a passagem do senso comum a consciência científica é a condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária. Com efeito, é esta a única maneira de convertê-la em instrumento que possibilite aos mentes das camadas populares a passagem da condição de “classe em si” para a condição de “classe para si” (Saviani, 1996, p.05).

Portanto, com base nesse pressuposto a produção do conhecimento ocorre por meio da produção da cultura e interação social, sendo o professor o mediador deste processo, na apropriação do conhecimento científico.

FILOSOFIA E A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

O ensino da filosofia é *nevrálgico*, ou seja, um ponto de suma importância para a formação e a prática docente. A partir do pensamento filosófico podemos admitir que a filosofia tem um papel necessário na formação do educador, uma vez que leva-nos a pensar, refletir, e indagar, transformando-nos em críticos com atitude filosófica. O estudo da disciplina de filosofia da educação por exemplo, privilegia o aspecto pedagógico e à partir daí na formação e, não prática do docente, assumindo de modo único uma posição filosófica.

A formação pedagógica está vinculada com o tipo de escola que almejamos, ou seja, precisamos de uma escola eu vá contracorrente da sociedade. Do mesmo modo que, a cem anos, a pedagogia precisou-se introduzir na vida escolar, (elaborando atividades, jogos, afeto e etc.), indo contracorrente da sociedade, também agora, pela mesma razão devemos pensar a escola como um lugar diferente, um lugar do silêncio, da reflexão, do diálogo, da razão, um lugar que combata o ruído que domina a sociedade do mercado e do consumo.

A filosofia desperta no educador o interesse da busca de novos horizontes, através deles, tem-se a oportunidade de refletir sobre a educação. Nesta visão consegue-se ultrapassar a mera busca de metodologias, didáticas e outros tipos de sistematização para a prática educativa. Começa-se a pensar e a buscar soluções para as inquietações que surgem. A filosofia torna-se importante neste sentido, pois é por meio dela que teremos oportunidade ou buscaremos conhecimentos que nos darão base para exercermos nossas profissões com responsabilidades. Todo educador deveria buscar estes conhecimentos e conhecer realmente o sentido de educação e sua relação com a filosofia, e parafraseando Leandro Karnal todos as áreas do conhecimento precisam perpassar pela filosofia.

Sabe-se que é a partir da dúvida que inicia-se todo o processo filosófico, pois na medida em que os problemas educacionais estão sempre mudando, faz-se necessário que a prática de ensino do educador não seja fixa ou fechada, assim sendo, norteadas por saberes circunscritos aos limites estreitos de um determinado território. A alternativa então é nortear a prática de ensino do referido docente a partir de uma geofilosofia da educação. Nessa proposta, a criação de conceitos ocorre mediante o processo amplo e aberto de desterritorialização do pensamento, que possibilita ao professor independentemente de sua formação, transitar livremente entre os diversos saberes oriundos dos territórios da filosofia e da educação, sem se fixar em nenhum deles. Desta forma, como nenhum dos dois territórios é privilegiado, não ocorre uma prática de ensino caracterizada pelo predomínio filosófico ou pedagógico mas sim uma prática de ensino que se distingue pelas infinitas possibilidades dialógicas entre ambas. Em suma, o valor da filosofia na formação e na prática pedagógica é de fato um preparo para os docentes, baseando praticidade num conhecimento teórico e filosófico.

Seria o papel da filosofia na formação de professores apenas o domínio suficiente das operações lógicas e do reconhecimento de estruturas linguísticas que compõem as enunciações e proposições e seus correlatos acionais? Não se deveria incluir a totalidade das dimensões já demarcadas pela tradição filosófica como campos da experiência humana comum, de interesse da filosofia especulativa e da filosofia prática? Questões ontológicas, epistemológicas, lógicas, éticas, morais, políticas, estéticas, artísticas, poéticas, ecológicas não são estranhas ao processo histórico da filosofia dos filósofos produtores de textos e sistemas e/ou antissistemas. O que vem a ser uma efetiva questão ontológica, por exemplo, diz respeito a um movimento de dar-se conta de seu ser próprio no âmbito do ser comum pertencente. Isso não se pode ensinar, assim como não se pode ensinar conceitos ou a própria filosofia como atividade conceitual. Mas se pode ensinar no sentido de apontar e conduzir, de indicar e cuidar para que o outro realize uma experiência apropriadora. Portanto, cuidar para que o outro que aprende seja conduzido em seu desenvolvimento correto e aprenda a observar os próprios pensamentos e a lidar com eles em suas experiências.

Toda filosofia está sempre a caminho em uma busca de algo. Este algo pode compreender qualquer coisa ou estado de coisa. Mas há sempre um focus-desfocus, um nexus-desnexus e uma axis-desaxis em toda filosofia apropriadora em seu devir. Os atos de focar/desfocar, ligar/desligar, estruturar/desestruturar são próprios da atividade filosófica teórica e prática. Nesse sentido, se o caminho do texto escrito parece ser o único possível

para se acessar o “verdadeiro saber filosófico”, é preciso lembrar que o mesmo precisa ser lido pelo prazer de ler, o que não significa nenhuma facilitação e muito menos a ausência de esforço/trabalho.

Na formação do professor, precisa-se de uma filosofia que dê conta da totalidade conjuntural da existência humana histórica meta-histórica. Não basta a exegese textual, portanto, para se propiciar o desenvolvimento do pensar próprio e apropriado de cada educador professor. É preciso que se aprenda a observar e investigar os próprios pensamentos. Isso pode e deve ser feito de muitas maneiras, através de múltiplos e imprevisíveis caminhos e combinações dialógicas. Todos os meios e todos os temas podem se tornar problemas filosóficos apropriados, assim como todas as partituras e os temas musicais podem ser executados musicalmente, independente de juízos de valor e de gosto pessoal.

Há, assim, um papel da filosofia na formação de professores que tangencia o trabalho de reunião e de relação de tudo com tudo, de todos com tudo, tudo com todos e tudo. Isso não se pode realizar sem desejo e esforço, sem paixão e trabalho árduo e continuado. E para que isto se torne efetivo, é preciso mudar a forma de trabalho com o texto-contexto filosófico. O importante aqui não é o acúmulo de informações e conhecimentos e sim o processamento dialógico do que constitui a individuação compartilhada, a partir das experiências/vivências significativas singulares e intransferíveis. Isto requer uma disposição sempre pronta a aprender em um estado de atenção compartilhado, em que a presença do outro nos torna pertencentes a um destino comum e nos faz aprender na diferença e pela diferença de tudo o que é.

Desse modo, a filosofia não servirá apenas como ilustração dos sistemas de pensamento filosófico que se encontram apropriados aqui e ali nas teorias e metodologias educacionais e pedagógicas. Pelo contrário, estará atendendo ao primado do autoconhecimento fundamental para que se tenha uma filosofia como atividade aprendente contínua e não como um saber dado e todo encerrado em seu passado glorioso e insuperável para todo o sempre. Sim, é verdade: os grandes pensadores e filósofos são todos insuperáveis.

A questão, portanto, não diz respeito à ideia de superação das formas passadas de filosofia, e sim à apropriação do filosofar apropriado, próprio e apropriado. Este é o desafio do papel da filosofia na formação do professor: constituir o meio adequado para o desenvolvimento da autoconsciência compartilhada. Isso requer novos meios e novos modo de ensinar a pensar – apontar, indicar, partilhar, propiciar, favorecer, cuidar, distinguir, explicar, compreender, interpretar, desconstruir – o que caracteriza o filosofar como um estilo

de vida aspirante de um conhecimento próprio e apropriado – um saber viver, um saber conviver, um saber morrer, um saber renascer.

FORMAÇÃO DOCENTE: METAS E DESAFIOS

A decisão sobre como devem ser a formação de professores gera impacto no projeto educacional de qualquer nação. Com as mudanças constantes nas formas de aprender e ensinar, os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para dialogarem com a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores e designers de aprendizagem. Afinal, o século XXI ainda demora muito tempo?

Podemos afirmar que o grande desafio da escola hoje é educar aqueles que não querem aprender. Arelado a isto, pode-se perceber que o sistema acaba exigindo um esforço maior por parte dos educadores e em contrapartida não elabora um currículo mais inclusivo, diversificado, e que atenda as especificidades de cada educando. Afinal, o que vale a pena ser ensinado? Vale ressaltar, que não existe resposta pronta para esse pergunta uma vez que os saberes e interesses são múltiplos, mas é necessário que tanto educador quanto educando trabalhem numa perspectiva reflexiva, ou seja, filosófica, para elaborarem novos olhares sobre o papel de ensinar e aprender.

Quando fala-se sobre o uso de novas metodologias na educação básica por exemplo, as instituições formadoras devem transformar a sua forma de ensinar. “Há uma pedagogia dentro da universidade que precisa ser refeita e aberta. Há formadores fechados, achando que ainda cabe ensinar dentro do modelo que aprenderam”, destaca a pesquisadora Valeska Maria Fortes de Oliveira, da ANPED, ao mencionar que, para criar referências para o futuro professor, é importante usar a homologia dos processos, para assim, aplicar na sua formação as mesmas práticas pedagógicas que deverão utilizar com seus alunos.

Nesse contexto, é imprescindível que não se deixe de considerar a relevância social deste profissional e, portanto, valorizá-lo, visto que:

É um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógica-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 88).

Ao se reconhecer alguns aspectos que dizem respeito ao papel do professor, bem como a sua função social, também se evidencia a necessidade do profissional docente possuir uma variedade de conhecimentos, saberes e habilidades de diferentes naturezas para assumir a tarefa educativa diante da abrangência e complexidade da educação, não se limitando, mas perpassando o domínio dos conhecimentos pedagógicos e dos conteúdos específicos da área de atuação e formação.

Partindo de uma ordem cronológica, os desafios hoje considerados bastante alarmantes para com a educação, seriam: a falta de interesse por parte dos alunos (e nesse ponto podemos chegar a uma grande questão na área da educação, educar para gerar questionamentos, dúvidas e não fornecer respostas); promover um olhar mais amplo e minucioso no que diz respeito a formação dos futuros professores; organização curricular; gestão escolar, ou seja, ainda é preciso combater diversos défices para poder pensar em uma educação para todos e, principalmente uma educação de qualidade. E atrelado a essas metas e desafios e educador precisa ainda gerar novas reflexões e provocar nos seus educandos a curiosidade e porque que precisa-se aprender, pois não existe docência sem discencia e não existe novas teorias sem fomentação de novos questionamentos acerca de determinado assunto ou alguém.

Em virtude disto, tomando por base os conhecimentos de António Nóvoa professor da Universidade de Lisboa, que em sua pesquisa: *Pedagogia, a terceira margem do rio*, faz diversas colocações no qual vai ao encontro com o que seria o ato de filosofar, refletir, pensar a formação docente. Portanto, podemos comparar com a terceira margem que o autor refere-se, ou seja, a terceira margem não consiste em encontrar terras novas, mas adquirir novos olhares, “em ver o universo com os olhos de outro, de cem outros, em ver os cem universos que cada um deles vê, que um deles é.” Assim, pode-se compreender que o rio é o que conta e não sua margem, pois ele é o caminho, o processo, o ensino a reflexão pela ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A filosofia dentro da perspectiva educacional não tem como função definir a prioridade dos princípios e objetivos para a educação, também não se reduz a uma teoria geral na educação enquanto sistematização dos seus resultados. Sua função é acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional de modo que explicita os seus fundamentos, esclareça a tarefa e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas, avaliando ainda o significado das soluções escolhidas.

Dessa forma, compreendemos que na formação de educadores é necessário o investimento em uma base curricular bem alicerçada e que possa abranger as várias disciplinas pedagógicas, favorecendo assim o desenvolvimento desta formação.

Com efeito, a atitude filosófica é um dos caminhos que possibilitam atingir os objetivos e finalidades da educação, como processo que propõe a construção do conhecimento que não seja ingênuo (senso comum), mas sim epistemológico (filosófico). Assim, a filosofia colabora e faz com que percebamos o mundo e com ele, nesta condição possamos notar que é possível realizar a árdua e difícil tarefa (mas não impossível!) de politização dos indivíduos como agentes políticos da transformação.

Devemos, então, gradualmente, ir assumindo com clareza e determinação uma atitude filosófica, e compreendendo que podemos interferir nele para colaborar e construir um mundo repleto de condições favoráveis a todos indistintamente. É papel dos educadores contribuir para despertar a consciência dos educandos.

Ao atuar, por exemplo, em uma escola inserida em um contexto social marcado pela miséria, pela fome e pela desesperança, têm o importante papel na formação política dos educandos e das comunidades em que vivem, proporcionando condições para uma reflexão crítica sobre tal realidade, considerando sempre a possibilidade de mudanças e recusando as condições de miséria como algo inaceitável num mundo de tantas riquezas mal distribuídas. É tarefa do educador saber informar e esclarecer que tal situação é fruto de uma sociedade organizada de forma extremamente injusta e desigual. Dessa forma, o papel da filosofia na formação do educador envolve o questionamento, a denúncia, a não resignação diante da pobreza material, a reflexão crítica profunda, tendo como base a análise do contexto histórico, político e social vigente.

Na Educação, seguindo o pensamento dos autores apresentados, deve acontecer essa passagem para a consciência filosófica, instigando e motivando nos seres humanos a capacidade de conhecer sua situação para que saibam interferir e transformá-la, ampliando sua liberdade.

É possível fazer Filosofia, ensinar a Filosofia ou filosofar em praça pública, embaixo de uma árvore se for preferível. Porém, quando se pensa em disseminar um método reconhecidamente favorável a tal ensino, é preciso fomentar seu desenvolvimento com recursos e materiais, institucionalizando-o. Nesse sentido, de acordo com a estrutura organizada em que vivemos, instaura-se, na atualidade, grande dificuldade para uma experiência filosófica, de modo que tal experiência poderia estar presente no autodidatismo, mas raramente na institucionalização do ensino. Somente a iniciativa das duas partes, a atitude de quem ensina e a disposição de quem aprende podem inverter essa condição cômoda frente à realidade.

Referências Bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** 3 ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

PILETTI, Claudino. **Filosofia da Educação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Vol. V. Lisboa, Relógio de Água, 2014.